

Corpos violados, corpos esquecidos

Yara de Pina Mendonça¹

1 Graduada em Biblioteconomia e Artes Visuais pela Universidade Federal de Goiás. Seus trabalhos investigam, através de diferentes contextos sociais e históricos, os rastros da memória da violência e suas inscrições sobre os corpos vitimados e ausentes. Entre os anos 2014 e 2015, participou do programa Open Sessions e das mostras Name it by trying to name it e Action + Object + Exchange no Drawing Center de New York. No ano de 2017, integrou a Frestas Trienal de Artes, Entre Pós-Verdades e Acontecimentos (SESC Sorocaba, SP). E-mail: yarapina@gmail.com Goiânia, Brasil.

Imagem 1

YARA PINA

Gesto antígona (2019)

sombra agredida com rastelo, terra vermelha, cinzas de Antígona de Sófocles

(e de suas versões escritas no séc. XX)

vestígios de ação

Esta obra parte do gesto de desobediência de Antígona, na obra homônima de Sófocles, quando a heroína decide dar sepultamento ao seu irmão Polinices, mesmo contrariando o interdito da lei escrita pelos homens. Essas ordens representadas pela figura do tirano Creonte pretendiam punir com a morte aqueles que ousassem realizar ritos fúnebres ao corpo de seu irmão, já que Polinices, o traidor da polis, deveria ficar insepulto para que cães e aves de rapina o devorassem.

Tendo como referência a violação das leis dos homens por Antígona em nome de uma lei mais antiga e divina, esta ação tem como proposta rememorar seu gesto político através das cinzas da incineração da obra de Sófocles e de algumas versões da tragédia que foram realizadas e adaptadas por dramaturgos ao longo do século XX. Apesar das peculiaridades de seus períodos, assim como de seus contextos sociais, essas reescrituras foram produzidas durante a vigência ou ainda sobre o reflexo do fascismo, de conflitos armados e de ditaduras que deixaram além de rastros de violência e destruição, milhares de mortos e desaparecidos. *Antigone* de Jean Anouilh (França, 1944), *Die Antigone des Sophokles* de Bertolt Brecht (Suíça, 1948), *Antígona furiosa* de Griselda Gambaro (Argentina, 1986) e *Antígona* José Watanabe e Yuyachkani (Peru, 1999) são algumas dessas versões que denunciaram o extermínio de vidas pelo Estado e a importância do direito de sepultar dignamente os mortos.



O ato de transgressão de Antígona continua atual, nos assombrando inclusive neste momento de transição nebulosa de nossa democracia em que o Estado brasileiro ampara sua soberania na necropolítica, propagando não apenas a legitimação da morte, mas também decidindo quem tem direito ao luto e à memória.

Após agredir minha sombra com um rastelo preencho as fissuras com as cinzas até formar uma silhueta do meu corpo. A terra vermelha é então utilizada para deixar o rastro do gesto de sepultamento de Antígona no momento em que utiliza as mãos para cobrir o corpo de seu irmão com a terra.

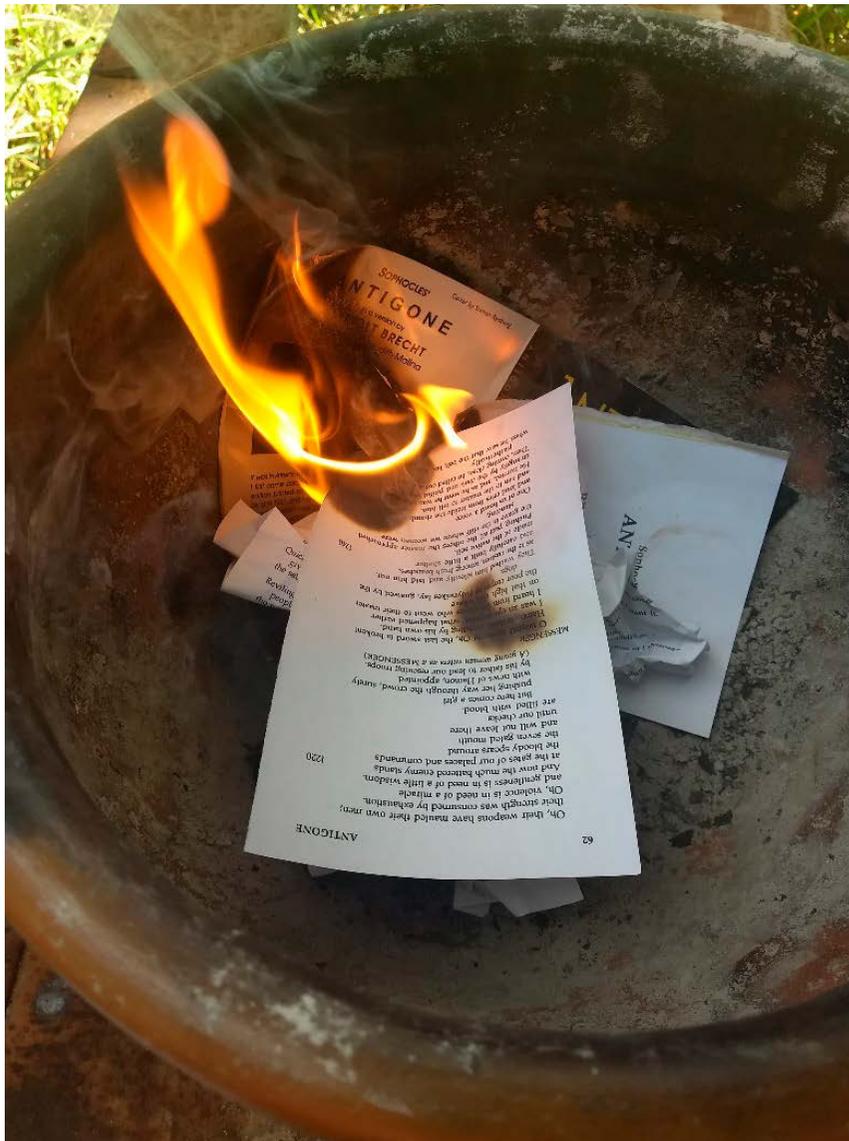


Imagem 2

Incineração dos livros para a ação Gesto antígona

Antígona de Sófocles, *Antigone* de Jean Anouilh (França, 1944); *Die Antigone des Sophokles* de Bertolt Brecht (Suíça, 1948); *Antígona furiosa* de Griselda Gambaro (Argentina, 1986); *Antígona* José Watanabe e Yuyachkani (Peru, 1999)



Imagem 3

YARA PINA

Sem título 2 (2016)

silhueta em carvão, golpes de facão e terra vermelha
vestígios de ação

Nesta ação, violo minha silhueta em carvão que está com braços e pernas abertos, como se fosse o espectro de um corpo suspenso e amarrado por esses membros. Com a terra vermelha preencho as fissuras dos cortes como referência ao valor simbólico da terra como sangue, corpo e território.



Imagens 4 e 5

YARA PINA

Marcas da infâmia#1 (2017)

sombra agredida com golpes de espeto, cinzas de imagens de vítimas de feminicídio
vestígios de ação

Marcas da infâmia compreende uma série de ações que têm como referência casos de feminicídio íntimo, em ambiente doméstico e familiar no Brasil, envolvendo o uso de instrumentos perfurantes, cortantes e contundentes utilizados pelos autores do crime para mutilar e desfigurar os corpos das vítimas. Com base nesses relatos, tenho desenvolvido silhuetas em que agrido minha sombra violando principalmente partes do corpo relacionadas a feminilidade e sexualidade das mulheres. Ao preencher as marcas das violações com cinzas das imagens das vítimas, veiculadas pela imprensa, pretendo deixar em evidência as principais partes visadas pelos agressores.



Imagem 6

YARA PINA

Vestígios post mortem (2018)

objeto litúrgico contendo cigarros de maconha

fumados com as cinzas dos nomes de detentos assassinados em rebeliões nos presídios brasileiros

vestígios de ação

A ação consiste em realizar um rito funerário com as cinzas dos nomes de detentos assassinados em rebeliões durante os conflitos entre facções do narcotráfico nos presídios brasileiros. Devido à barbárie que os levaram à morte no interior dos presídios – carbonização, decapitações, esquartejamentos –, os restos mortais de alguns corpos não chegaram sequer a serem identificados pelo Estado, muito menos reconhecidos e sepultados por suas famílias. Para realizar o rito funerário incinero os nomes das vítimas para, posteriormente, fumar suas cinzas misturadas ao cigarro de maconha.





Recebido em 19 de abril de 2020 e aceito em 19 de abril de 2020.

Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons

